

ESTUDO DE VERBOS DE AÇÃO RESULTATIVA

Bárbara Bremenkamp Brum (UFES/PIBIC-CNPq)

barbarabbrum@hotmail.com

Carmelita Minelio da Silva Amorim (UFES)

carmel_msa@yahoo.com.br

Lúcia Helena Peyroton da Rocha (UFES)

lhpr@terra.com.br

1. *Introdução*

Este trabalho tem por objetivo apresentar um estudo, que estamos realizando no Núcleo de Pesquisas em Linguagens, na Universidade Federal do Espírito Santo, com verbos de ação resultativa. A pesquisa contempla os verbos *fazer*, *construir*, *organizar*, *acarretar* e *provocar*, visando discutir, analisar e descrever esses verbos que são caracterizados por terem um objeto que é o resultado da ação verbal. Para este artigo, entretanto, selecionamos apenas os dois primeiros, *fazer* e *construir*.

Dessa forma, consideraremos não só os aspectos sintáticos e semânticos, mas também os pragmáticos e discursivos que envolvem o seu uso. Para tanto, adotaremos noções do funcionalismo e da gramática de valências.

Uma revisão bibliográfica evidenciou que: (i) há poucos estudos sobre o verbo de modo geral e (ii) que não há estudos sobre os verbos de ação resultativa na perspectiva de análise que pretendemos empreender.

O *corpus* se constitui de textos que circulam na sociedade e o levantamento dos verbos está sendo feito em contextos de uso, de forma manual e com ferramentas de coleta de dados por meio digital.

Este estudo se mostra relevante, pois ao final pretende apresentar um quadro tipológico e também por levar em conta a funcionalidade e a dimensão pragmática em que se realizam. E poderá ter como resultado uma descrição mais precisa da estrutura argumental que envolve os verbos em questão.

2. *Construções resultativas: perspectiva formal*

As construções resultativas são um tema muito discutido no âmbito da gramática gerativa. No modelo gerativo, assim como no caso de ou-

tras estruturas, foi proposta uma construção resultativa por meio de regras de transformações aplicadas sobre uma descrição estrutural de uma sentença transitiva.

Lobato (2004) levanta a questão sobre a existência de construção resultativa em português. Segundo a autora, alguns estudiosos defendem que as línguas românicas não dispõem desse tipo de construção porque é necessária a presença de predicado secundário (predicativo do objeto) e não de adjunto adverbial como ocorre em português.

A autora, no entanto, apresenta estudos brasileiros que defendem a existência da construção resultativa, destacando que embora em todos os exemplos haja uma interpretação semântica resultativa, é preciso verificar se existem construções sintáticas resultativas.

Nesse contexto, Lobato (2004, p. 155 e 168-9) destaca as restrições em relação ao verbo e ao adjetivo licenciados em construções resultativas, afirmando que essas construções dependem da presença de um objeto direto, ou seja, as sentenças resultativas são construídas somente com verbos transitivos, como os de criação (*O engenheiro construiu a ponte sólida*), ou inacusativos de mudança de estado (*A manteiga congelou torta*).

Para Lobato (2004), o português possui a construção resultativa, mas com limitações em relação à transitividade do verbo (transitivo e inacusativo), à classe semântica verbal (criação, estado), à classe aspectual do evento (processo culminativo e culminação), às classes categorial e semântica do predicativo (adjetivo de função, ação...), à escolha da preposição e à forma do adjetivo em função predicativa (básica ou não).

A autora destaca que não são os traços flexionais dos adjetivos, e sim os traços lexicais, que bloqueiam a formação de resultativas em português, caso o bloqueio exista, concluindo que o português, uma língua românica, possui sentenças resultativas.

3. Construções resultativas: perspectivas linguísticas

Neste ponto, apresentamos breves considerações sobre as construções resultativas a partir de perspectivas linguísticas que, juntas, podem auxiliar o ensino do tema nas aulas de língua portuguesa.

3.1. A perspectiva semântica de Cano Aguilar

Cano Aguilar (1981) apresenta uma análise das estruturas sintáticas na língua espanhola, mais especificamente sobre o fenômeno da transitividade. No que se refere aos verbos de ação resultativa, o autor faz uma análise semântica, afirmando que esses são típicos verbos de ação e o seu objeto sintático é o resultado dessa ação. O verbo *hacer*, um dos objetos de nossa pesquisa, segundo o autor, é o mais comum desse grupo e devido a sua extrema vagueza semântica presta-se a diversos e diferentes usos.

No entanto, Cano Aguilar (1981) afirma que em todas as utilizações concretas desse verbo está presente a noção de atividade ou ação e que essa vagueza se dá porque esse verbo apresenta as seguintes características: a) é quase exclusivamente transitivo, pois sempre necessita de um complemento; b) pode substituir vários outros verbos, como *construir* (outro verbo que faz parte de nossa pesquisa), *confecionar* etc.; c) pode integrar lexias complexas quando “fazer” e seu objeto adquirem um valor único (*Mi abuelo hace una señal a los hombres (Hojarasca, 15)*¹¹²).

O autor afirma que, em geral, o verbo *hacer* indica criação, ação, mas é o seu objeto que especifica as possibilidades de sentido, pois esse verbo significa a ideia pura e simples de ação.

A vagueza semântica do verbo *hacer* também influencia o seu uso com objetos semanticamente indefinidos (*Ninguna lengua hace exactamente lo mismo que otra (Indagaciones, 22)*¹¹³). Ao objeto de *hacer* ainda pode ser acrescentado um atributo (*Haz habitable tu ámbito (País, 34)*¹¹⁴). (CANO AGUILAR, 1981, p. 49)

Cano Aguilar (1981, p. 48) acrescenta que um dos usos mais comuns do verbo *hacer*, em decorrência de sua vagueza semântica é seu funcionamento como verbo substituto (*Cuando abandona el Ayuntamiento, lo hace sin prisas (Guarnición, 23)*¹¹⁵). Nesses casos, sempre será a-

¹¹² *Meu avô acena para os homens. (Hojarasca, 15).*

¹¹³ *Nenhuma língua faz exatamente o mesmo que outra (Indagações, 22).*

¹¹⁴ *Faz habitável seu lugar/espaco (País, 34).* Em português, parece-nos que o verbo *tornar* é mais utilizado nesse contexto: *Torna habitável o seu lugar/espaco.*

¹¹⁵ *Quando renuncia ao Conselho Municipal, o faz sem pressa (Guarnición, 23).*

companhado de um objeto pronominal, semanticamente neutro que se refere ao objeto do verbo substituído. O autor acrescenta que ele também funciona como substituto independente, sem verbo antecedente expresso e, neste caso, o sentido é fornecido pelo contexto da situação (*lo que haces no tiene nombre, ¿qué vas a hacer?*¹¹⁶ etc.). Nessas substituições com pronome, *fazer* refere-se ao traço semântico ativo do verbo e o pronome ao seu significado específico e concreto.

O autor realiza uma extensa análise e discussão sobre o verbo *fazer* no espanhol, mas nos limitamos a apresentar apenas algumas delas que mais nos interessam neste trabalho.

Cano Aguilar (1981) destaca que além desse, outros verbos podem configurar-se com objeto resultativo, tais como, *criar, construir, fabricar, produzir, realizar, inventar* etc. O autor afirma que estes verbos frequentemente constroem-se com sujeitos de traço [+humano], sendo interpretados como agentes, inclusive os sujeitos inanimados, que a gramática tradicional considera como sendo recategorizados ou personificados.

Nesse grupo, ainda estão incluídos os verbos *pintar* e *escrever*, embora a interpretação semântica de seus objetos seja ambígua, isto é, possam ser efetuados/resultativos (*Sí, he escrito también cuentos y novelas cortas. Velázquez pintó “La rendición de Breda”*¹¹⁷) ou afetados, isto é, preexistentes à ação verbal (*Juan está pintando su casa. No escribas (en) el libro.*¹¹⁸). Essa ambiguidade significativa depende dos próprios verbos, não tendo influência do tipo de substantivo objeto.

O autor reforça que entre o verbo de ação resultativa e seu objeto existe uma forte interdependência significativa e objeto não passa de uma nomeação genérica (*livro, quadro*) ou o nome próprio da obra. Trata-se de um elevado grau de seleção significativa entre dois membros da oração, seleção que também ocorre entre outros elementos sintáticos.

Cano Aguilar (1981) destaca que esses verbos apresentam algumas restrições semânticas sobre seus objetos. Exceto o verbo *criar* (*Dios creó al hombre.*¹¹⁹), nenhum outro apresenta objeto [+animado]. Além

¹¹⁶ O que você faz não tem nome. O que vai fazer?

¹¹⁷ *Sim, escreveu contos e novelas curtas. Velázquez pintou “A rendição de Breda”.*

¹¹⁸ *Juan está pintando sua casa. Não escrevas no/o livro.*

¹¹⁹ *Deus criou o homem.*

disso, os substantivos nessa função podem ser de diferentes classes semânticas e apenas *realizar* parece exigir objetos abstratos. O autor ressalta que um traço comum a todos esses verbos é o fato de nenhum ser construído com infinitivos ou orações em função de objeto. Embora admitam objetos abstratos, estes sempre se referem a entidades e não a processos ou ações.

Segundo Cano Aguilar (1981), há poucos verbos que apresentam uma caracterização semântica ambígua: como verbos resultativos (ativos), a exemplo dos já citados, ou como não ativos, que indicam situação ou estado (*constituir, estabelecer, formar* etc.).

3.2. A gramática de valências e a gramática de casos

A gramática de valências acoplada à gramática de casos nos permite analisar o número de argumentos que os verbos de ação resultativa adquirem nos diversos contextos de uso, quais classes de palavras podem preencher cada um dos argumentos, que argumentos devem ser ou não introduzidos por preposição, que categorias devem ter as palavras que se combinam (por exemplo, humano, abstrato) e, por fim, os papéis temáticos desempenhados pelos argumentos.

Para Tesnière (1969), o verbo é o centro estruturador da oração, a partir do qual a oração se organiza. Nessa perspectiva, o sujeito é colocado no mesmo nível de realização sintática do objeto, isto é, configura-se como um complemento do verbo.

Na gramática de valências, o verbo é considerado o centro dinâmico da frase e os elementos que dele dependem são tratados sob o ponto de vista sintático-semântico. Borba (1996, p. 16) afirma que “o ponto de partida da valência verbal é a consideração do verbo como unidade lexical portadora de características morfológicas tais que permitem isolá-lo numa sequência”. Nessa perspectiva considera-se a existência de uma relação de dependência entre os elementos constituintes da frase, estabelecida em nível sintático.

Partindo dessa concepção de valência, podemos dizer que os complementos verbais não podem ser designados lexicalmente no próprio verbo, fora do contexto frasal, mas são apenas lugares vazios, denominados actantes, a serem preenchidos lexicalmente na frase, mas cujas propriedades morfossintáticas e semânticas são determinadas pelo verbo. Assim, os actantes estabelecem relações semânticas com o verbo e

é este que determina a classe semântica dos termos que preenchem seus lugares vazios.

3.3. O funcionalismo linguístico

O funcionalismo privilegia o uso da língua, considerando que a situação real de comunicação é que determina sistematicamente a estrutura gramatical. Por isso, o linguista deve sempre observar o comportamento comunicativo dos usuários da língua, se o seu objetivo é compreender mais profundamente o funcionamento da linguagem (MARTELOTTA, 2006).

Nessa abordagem, o discurso é o uso concreto da língua que se organiza por meio de um conjunto de procedimentos reguladores que viabiliza a comunicação. Esse conjunto de procedimentos é compreendido como gramática, mas não no conceito tradicional, e sim, a gramática que compõe os elementos da língua, mostrando como organizá-los para possibilitar a comunicação (MARTELOTTA, 2006).

A língua em uso é o foco principal da perspectiva funcionalista, por isso é exatamente dentro desse escopo que iremos descrever as construções resultativas¹²⁰. Acreditamos que este tema pode ser trabalhado sob a ótica da transitividade verbal, assunto já discutido no funcionalismo.

4. Metodologia

Por uma questão metodológica, esta pesquisa está sendo desenvolvida a partir da análise dos verbos consignados em dicionários e gramáticas. Estamos nos atendo às modalidades escrita e/ou oral da língua portuguesa do Brasil.

A constituição do *corpus* é realizada, tendo como suporte o meio eletrônico de pesquisa para o levantamento dos verbos de ação resultativa e sua ambiência linguística. Esse procedimento se deu em função da facilidade que ele proporciona ao direcionar aos mais variados textos encontrados no meio digital.

120 A utilização dessa nomenclatura já usual justifica-se pela preocupação em não criar novos termos, a fim de simplificar a descrição linguística.

5. *Análise dos dados*

5.1. **Ashley Greene fez um bolo**¹²¹

Nesse exemplo, o verbo *fazer* indica ação-processo, que por definição evidencia uma ação realizada por um sujeito agente que afeta um complemento. O sujeito agente: *Ashley*. O complemento é expresso por um nome concreto não animado, *um bolo*, que passou a existir após a ação realizada pelo sujeito.

O verbo *fazer* aqui significa “construir, produzir”. O verbo “fazer” tem dois argumentos, por isso é um verbo bivalente.

5.2. **Esportiva faz cerimônia de gala para apresentar novos projetos**¹²²

O verbo *fazer* indica ação-processo. O sujeito agente representado aqui metonimicamente, Esportiva (= a Diretoria da Sociedade Esportiva Guaxupé). O complemento é expresso por um nome abstrato, *cerimônia*, que passou a existir após a ação realizada pelo sujeito.

O verbo *fazer* aqui significa “executar, efetuar; realizar”. O verbo *fazer* tem dois argumentos, por isso é um verbo bivalente.

5.3. **Israel construirá ferrovia entre Mar Vermelho e Mediterrâneo**¹²³

O verbo *construir* indica ação-processo. O sujeito agente representado aqui metonimicamente, *Israel*. O complemento é expresso por nome concreto, *ferrovias*. O verbo *construir* significa “dar estrutura a; edificar”. O verbo *construir* tem dois argumentos, por isso é um verbo bivalente.

¹²¹ Disponível em: <<http://jonasbrothers.com.br/ashley-greene-fez-um-bolo>>. Acesso em 29/04/2011

¹²² Disponível em: <<http://www.gxp.com.br/2011/02/22/esportiva-faz-cerimonia-de-gala-para-apresentar-novos-projetos>>. Acesso em 29.04.2011.

¹²³ Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI5595943-EI308,00-Israel+construira+ferrovia+entre+Mar+Vermelho+e+Mediterraneo.html>>. Acesso em 11/02/2012.

5.4. Governo constrói 92 casas para pessoas de baixa renda na Lapa¹²⁴

O verbo *construir* indica ação-processo. O sujeito agente representado aqui metonimicamente, *Governo*. O complemento é expresso por nome concreto: *92 casas*, que passou a existir após a ação realizada pelo sujeito. O verbo *construir* significa “dar estrutura a; edificar”. O verbo *construir* tem dois argumentos, por isso é um verbo bivalente.

6. Conclusões preliminares

Os verbos *fazer* e *construir* se realizam como verbos de ação-processo, uma vez que indicam ao mesmo tempo uma ação e um processo, ou seja, um fazer por parte do sujeito e um acontecer em relação ao complemento (objeto).

Comportam-se como verbos de valência 2 (bivalente).

Selecionam um sujeito (agente, volitivo, intencional) e complemento de natureza concreta.

Em nossa pesquisa, trabalhamos com noções da gramática funcional, da gramática de casos e da gramática de valências. Esse procedimento está se revelando bastante produtivo, uma vez que nos permite observar o verbo dentro de sua configuração argumental estabelecida a partir de estratégias de uso nos variados textos. Além disso, acreditamos que ao aliarmos noções das três teorias ampliamos as possibilidades para uma descrição mais satisfatória.

Os verbos de ação resultativa, *fazer*, *construir*, *organizar*, *acarretar*, *provocar* enquadram-se na subcategorização de Chafe (1970), como verbos de ação-processo, ora com sujeito causativo ora com sujeito agente, como se vê em: (i) “O seu pessimismo me fez mal” e (ii) “O filho construiu casa no terreno da mãe”, respectivamente. No primeiro exemplo, o sujeito é causativo, inanimado, enquanto que, no segundo exemplo, o verbo “construir” seleciona um sujeito agente, com o traço [+humano; volitivo e intencional].

¹²⁴ Disponível em:

<<http://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=67567&tit=Governo-constrói-92-casas-para-pessoas-de-baixa-renda-na-Lapa>>. Acesso em: 11/02/2012.

As metas futuras consistem na continuidade da descrição dos verbos *organizar*, *acarretar*, *provocar*, com vistas a identificar a estrutura argumental, identificar os traços morfossintáticos, semânticos e pragmáticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, J. C. de. *Fundamentos da gramática do português*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BORBA, F. S. *Uma gramática de valência para o português*. São Paulo: Ática, 1996.

CANO AGUILAR, Rafael. *Estructuras sintácticas transitivas en el español actual*. Madrid: Gredos, 1981.

FILLMORE, C. The case for case. In: BACH, E.; HARMS, R. T. (Orgs.). *Universals in linguistic theory*. New York: Rinehard and Winston, 1965.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariângela Rios; MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

IGNÁCIO, Sebastião Expedito. *Análise sintática em três dimensões: uma proposta pedagógica*. São Paulo: Ribeirão, 2002.

ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. In: *Gramática do português culto falado no Brasil: classes de palavras e processos de construção*, V. 02. Campinas: Unicamp, 2008.

LOBATO, L. Afinal, existe a construção resultativa em português? In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. de. (Orgs.). *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004.

MARTELOTTA, M. E. Funcionalismo. In: WILSON, V.; MARTELOTTA, M. E.; CEZARIO, M. M. (Orgs.). *Linguística: fundamentos*. Rio de Janeiro: CCAA, 2006.